

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7978>

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO Milton do. *Gramática do português falado culto no Brasil, vol. III, A construção da sentença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 340 p.

por *Juliana Marins*¹

O terceiro volume da *Gramática do português culto falado no Brasil* é o resultado dos estudos linguísticos do Subprojeto “Relações gramaticais no português brasileiro falado” (RGPBF), inicialmente coordenado pelos Profs. Drs. Fernando Tarallo e Mary Kato (UNICAMP) e continuado após a morte do Prof. Tarallo pela Prof^a. Mary Kato e uma grande equipe, que inclui professores e alunos de pós-graduação e graduação de diversas universidades do país. O volume, que descreve a estrutura da frase do português brasileiro (PB) a partir de dados coletados do *corpus* compartilhado do Projeto NURC (Norma Urbana Culta), contempla a língua culta falada nas cinco capitais brasileiras mais populosas na ocasião da coleta, nos anos 70 – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Foi organizado por uma parte dos pesquisadores do RGPBF com a colaboração de outros, que se juntaram ao projeto na fase de consolidação dos resultados.

A priori, a publicação destina-se a um leitor “*não-especialista em linguística formal, mas aberto a inovações conceituais, terminológicas e técnicas, que fogem aos usos convencionais da gramática tradicional.*” (p. 2). Assim, o livro, em que se encontra um elenco dos usos que compõem o inventário da variedade culta do PB, não apresenta caráter normativo, mas descritivo.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (UFRJ)

Os organizadores deixam claro que partem de dados produzidos pelos falantes (ou seja, dados da Língua-E) para propor generalizações sobre os mecanismos subjacentes a esses enunciados: a Língua-I (Chomsky, 1986).

O volume está organizado em seis capítulos: no primeiro, *A arquitetura da gramática*, Kato & Mito mostram como se desenvolveram os conceitos gramaticais da antiguidade aos dias atuais, apontando importantes pontos de ligação entre concepções aristotélicas e inovações e ganhos advindos das contribuições do Estruturalismo e da Teoria Gerativa. É nesse capítulo que os autores introduzem a nova arquitetura da sentença a partir da lógica de Frege, perspectiva diversa da lógica das proposições aristotélicas, e apresentam uma prévia do conteúdo dos capítulos subsequentes, que tratam da complementação, da predicação, da adjunção, das construções-Q.

Cyrino, Nunes & Pagotto, autores do capítulo *Complementação*, iniciam a discussão a partir das considerações tradicionais sobre a diferença entre sujeito e complementos e apontam as fragilidades dos conceitos apresentados nessas abordagens. É, então, apresentada a noção de complementação adotada no volume, com a tipologia dos verbos em função da sua grade argumental. O ponto tratado a seguir é a forma que os complementos podem assumir. Aqui, dedicam-se a fazer uma detalhada descrição do comportamento dos complementos no português brasileiro, sobretudo no tocante à representação do objeto anafórico. Por fim, os autores fazem uma sistematização formal das estruturas de complementação. Destaque-se, nesse ponto, a generalização dos verbos *leves* (também referidos como verbos-suporte em outros quadros teóricos) nas estruturas com verbos transitivos.

O terceiro capítulo, escrito por Berlinck, Duarte & Oliveira, trata das relações de *Predicação*. Seguindo o formato já mencionado, as autoras tratam da noção de sujeito segundo as gramáticas tradicionais, apontando algumas inconsistências na conceituação de sujeito e predicado. Em seguida, explicitam a noção de sujeito adotada – de cunho estrutural –, e apresentam a relação entre a concordância verbal e a ordem dos constituintes na sentença. Já na seção que trata das realizações do sujeito pronominal, as autoras fazem uma descrição cuidadosa sobre o atual estágio do PB, mostrando as consequências da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) encontradas nos dados, que revelam a preferência pelo preenchimento da posição à esquerda do verbo. O capítulo trata, ainda, das estruturas de tópico marcado, indicando as características das diferentes possibilidades de construções desse tipo. Por fim, as autoras ainda apontam a relevância de estudos no âmbito da GPFCEB, como o de

Callou (1993), no que se refere tanto à distribuição tipológica das estruturas de tópico, quanto às questões prosódicas a elas relacionadas. Outro aspecto que merece destaque é o confronto entre estruturas de sujeito/predicado e tópico/comentário. O capítulo se encerra com a sistematização formal de todas as estruturas descritas ao longo do seu desenvolvimento.

No capítulo relativo à *Adjunção*, Rocha & Lopes definem as propriedades que caracterizam os adjuntos, levando em conta o fato de não serem selecionados por um predicador: ao contrário, “escolhem” e expandem o elemento a que se adjungem, sem alterar seu estatuto categorial. As autoras descrevem a forma, a função e a posição dos adjuntos na amostra analisada, o que é indispensável para uma melhor compreensão dessa classe tão carente de um tratamento refinado. Na última seção, as autoras fazem uma sistematização formal dos adjuntos descritos no capítulo, discutindo dois aspectos interessantes: primeiro, quanto ao comportamento da negação, que apresenta posição fixa, inverte o valor de verdade da sentença e pode ainda se cliticizar, sofrendo perdas fonológicas e se apoiando em outro elemento; depois, quanto à necessidade de se ter uma nova categoria funcional que contemple o sintagma aspectual, dado que as línguas naturais dividem os eventos em *perfectivos* e *imperfectivos*. Finalmente, as autoras mostram de que maneira os adjuntos constituem um ambiente sintático do qual não se podem extrair elementos – razão pela qual são chamados “ilhas” sintáticas.

No quinto capítulo, *As construções-Q no português brasileiro falado*, os autores – Braga, Kato & Mito – tratam das sentenças encabeçadas por elementos Q- localizados na periferia esquerda da sentença, como é o caso das relativas, das estruturas clivadas e das interrogativas parciais. Na primeira seção, mostram como se comportam as relativas, dividindo-as em relativas com núcleo nominal e relativas livres. A seguir, os autores descrevem as estruturas clivadas, pouco exploradas pelas gramáticas tradicionais, e, na seção seguinte, as interrogativas-Q, mostrando diferenças entre as interrogativas com o pronome-Q *in situ* e deslocado, as interrogativas clivadas e as clivadas reduzidas. Na última seção do capítulo, os autores procedem à sistematização formal dos tipos de construções-Q descritas ao longo do texto. Note-se o fato de que os autores preferem usar, diferentemente daquilo que ocorre nos demais capítulos, representações lineares em vez de representações arbóreas.

Braga & Nascimento, no último capítulo da *Gramática*, têm por objetivo mostrar como se dá *A interação entre adjuntos e elementos discursivos*, buscando localizar as fronteiras que abrigam tais elementos, que tanto

podem ser certos adjuntos, entre os quais se encontram os operadores de foco descritos no quarto capítulo, como outros elementos, entre os quais as chamadas “palavras denotativas”, um desafio dentro da tradição gramatical. Os autores defendem que, se por um lado os *fatores categóricos* – relações de complementação e predicação – são indispensáveis para a realização das palavras na sintaxe, os *fatores não-categóricos*, os adjuntos e discursivos, são indispensáveis para fazer dos enunciados partes do discurso. Quanto à distinção entre adjuntos e discursivos, os autores atestam que: (a) as fronteiras mais internas da sentença são escassamente ocupadas pelos discursivos, enquanto há adjuntos que ocorrem regularmente nas mais variadas fronteiras, de acordo com sua forma/função; (b) discursivos tendem a estar nas posições marginais; (c) as fronteiras não atribuidoras de *caso* são igualmente resistentes à presença de discursivos e adjuntos; (d) na distribuição de ambos, há uma correlação biunívoca entre forma e função. Na conclusão do capítulo, dá-se atenção à necessidade de incluir uma apreciação do papel dos elementos discursivos numa análise sintática que compreende a integração dos procedimentos de Adjunção aos de Complementação e Predicação.

Percebe-se, desse modo, que o volume traz uma contribuição importante à descrição das propriedades sintáticas do PB e da variação linguística atestada nas amostras analisadas, constituindo-se num excelente material para cursos de sintaxe em nível de graduação e de pós-graduação. Além disso, trata-se de uma obra acessível a todos os que se interessam por estudos gramaticais e pela sintaxe do português: cada capítulo está estruturado de tal forma que o leitor não especialista em teorias mais formais pode usufruir das discussões em torno da tradição gramatical e da tentativa de elucidar questões mal resolvidas, através da análise de dados ilustrativos dos fenômenos apresentados, sem que tenha de se aventurar pelas seções de sistematização formal que fecham cada capítulo. Os interessados em aprofundar seus conhecimentos, terão nessas seções uma preciosa descrição da construção da sentença do PB.